

“Tiempos mexicanos” de Carlos Fuentes. O ensaio como sinfonia¹

María del Pilar Vila

Um dos aspectos próprios do ensaio que às vezes é visto como um impedimento para conferir-lhe o estatuto de obra literária é a condição de discurso atravessado por um sem-fim de dados circunstanciais que o tornam incompleto. No entanto, este traço lhe confere um valor relevante por transformá-lo num texto desafiador, impulsionando o leitor a defrontar-se com uma multiplicidade de idéias que - apesar de não permitir resolver o “enigma”- provêem um poderoso instrumento de reflexão. Por outro lado, quando os ensaístas vêm do campo da literatura, os textos ganham um tom altamente estético, desencadeando diversas possibilidades de olhar e descrever o mundo para despertar, por sua vez, o olhar crítico do leitor.

O ensaísta olha o presente para avaliá-lo, no entanto, relê o passado com a autoridade conferida por sua voz enquanto participante direto dos fatos questionados ou compartilhados, assumindo um compromisso com o que diz, com o que lê e com seu próprio pensamento. Ou para usar as palavras de Liliana Weinberg,² o ensaio nunca é neutro, uma vez que expõe o ponto de vista de quem não oculta sua posição diante do que está sendo postulado, basicamente porque se propõe a interpretar o mundo.

O caráter de texto não concluído, fragmentário ou “segmentado” constitui talvez o traço mais instigante de um discurso que busca comover, emocionar, impactar, mas também deslocar pontos de vista, lugares de leitura, posições filosóficas. Discurso que procura, em síntese, revisar velhos temas à luz de novos olhares, recorrendo sempre à atenção criativa do leitor.

A voz do ensaísta, sua obra, seus vínculos e sua história pessoal instalam-se no ensaio, impregnando-o de uma forte presença do eu, que se inscreve na consciência de quem expõe suas idéias, suas certezas, suas convicções, a partir de uma perspectiva pessoal (Arenas Cruz, 1997, 383). Em certa medida, o ensaísta se vale de sua condição de autoridade para abordar determinados temas.

O ensaio circula por regiões incertas, apaga, esvaece limites, reveste-se de opiniões subjetivas e, inclusive, de sinais autobiográficos, mas, com mais precisão em alguns casos, mais veladamente em outros, ou evitando a ambigüidade, recorre à competência do leitor para reiterar que não se pode concluir definitivamente nenhum tema. As características deste tipo de texto permitem pensá-lo “como una escritura de la crisis y crítica de las condiciones de la cultura”³. Esta operação consegue unificar conceitos – que podem ter sua origem no âmbito privado e, em alguns casos, carregar uma alta emotividade – com outros dominados pelo intelecto, expressando o modo pelo qual se desnudam as paixões para deixar à mostra certa familiaridade com os temas tratados.

A revitalização dos tópicos trabalhados pelo ensaio do início do século XX nos textos surgidos a partir dos anos setenta permite considerar que se estaria diante de um

processo de inflexão de tais temas, devido à necessidade de revisar, entre outras questões, a questão relacionada ao caráter identitário. Nessa linha, inscrevem-se alguns ensaios de Carlos Fuentes, Mario Vargas Llosa ou Carlos Monsiváis.

O ensaio “Tiempos mexicanos” faz parte do *Nuevo tiempo mexicano* de Carlos Fuentes ⁴, livro que desde o prólogo já explicita a intenção perseguida pelo autor: unificar passado e presente para poder entender o futuro. As remissões a nomes provenientes do campo da literatura, da história nacional mexicana e, inclusive, do campo da economia, da política e do âmbito da mídia, refletem o propósito do autor de apresentar-se como quem pode falar de algo que não é de sua total incumbência, embora o faça minuciosamente para, dessa forma, “sondar o território”, como sustenta Montaigne. Esta operação de revisão e de diálogo com novos fatos, acompanhada de uma linguagem carregada de poesia, inspira, ilumina o aparecimento de novas zonas e de novos atores sociais amparados pelo reposicionamento do escritor-intelectual.

A condição de escritor de Fuentes adquire uma dimensão precisa no texto: suas dívidas literárias estão presentes, sua obra também. O modo de argumentar reflete essa condição. O livro todo é perpassado por uma idéia central para muitos intelectuais mexicanos: o país como “nación orgullosa de su historia, de su modo de construir una mezcla multiétnica diferente de sus vecinos del norte y del sur” ⁵. Este conceito está estreitamente relacionado com o imaginário coletivo mexicano e se inscreve na tradição cultural do país. Assim como Octavio Paz funda na Revolução Mexicana a possibilidade de recuperar o passado para trazê-lo, carregado de vida ⁶, ao presente, Fuentes viaja “al centro del origen”; busca no mito o instante fundador, reafirma o valor da palavra e encontra no universo indígena “la pureza del ritual, su cercanía de lo sagrado, sua memoria de lo que fue olvidado por el cresohedonismo urbano, haciendo nuestro, en nuestros propios términos el valor del otro”. ⁷ O ensaio procura indagar e conhecer “a través de antítesis, metáforas y paradojas”, aproximando-se “a los procesos simbólicos por medio de los cuales una sociedad genera interpretaciones de sí misma no fácilmente reductibles a sistema.” (Weinberg, 2003, 497).

“Tiempos mexicanos” se organiza à maneira de uma sinfonia, como indicam os subtítulos ⁸. Estes marcam a estrutura do ensaio, propõem um guia de leitura que organiza e conduz o leitor a partir dos movimentos musicais, para reiterar, nas diferentes partes, cada um dos temas desdobrados, indicando, ao mesmo tempo, o avanço na informação ⁹.

O ensaio começa com *Presto*, passagem que inclui a única menção a um eu que se identifica com o autor por meio da indicação de sua data de nascimento. O eu logo desaparece e com ele desaparece também toda referência ao mundo particular. Faz-se presente, ao contrário, um eu estreitamente vinculado ao mundo intelectual do ensaísta, que se esvaece ao ser substituído por um nós, que funciona como uma máscara da voz do autor. Emerge, assim, um eu que sabe, conhece, clama e “se torna dramaticamente plural”. ¹⁰

O autor recorre à incorporação de dados demográficos. Estes dados adquirem relevância porque se relacionam com as perdas de território e com uma nova forma de colonização do século XX, conferindo à informação um interessante grau de “credibilidade”. José L. Gómez-Martínez considera que “el valor del ensayo no depen del número de datos que trae, sino del poder de las intuiciones que vislumbre y de la capacidad de suscitar sugerencias en el lector” (1981, 38). Neste caso, as referências contribuem com o propósito

de dotar o ensaio de uma certeza quase irrefutável, ao mesmo tempo que incorporam um novo modo de olhar e confrontar:

Hasta la década de los sesenta, la política de población era: mientras más mexicanos mejor. ¿No habíamos perdido las provincias del norte de México, de Texas a California, a causa de la ausencia de población? Pero también las habíamos perdido porque admitimos colonos con nombres de aeropuerto: Dallas, Houston, Austin. Más mexicanos, pero cero de inmigrantes. (p. 199)

Fuentes recorre à ironia para estabelecer a oposição entre a potência colonialista e um mundo excêntrico, mas os contrastes são explicitados com ênfase: os outros não reconhecem a nós, os mexicanos ¹¹.

Embora muitas vozes ressoem em “Tiempos mexicanos”, a rigor, e apesar do nós que o atravessa, há um claro diretor que vai marcando os ritmos e impondo a ordem da discussão, confirmando mais uma vez mais o “ensaio é inseparável do ensaísta”. A advertência de *Presto* ou de *allegro ma non troppo* indica que, apesar de abordar temas já discutidos, em especial aqueles vinculados a aspectos nacionais, o texto oferece uma visão diferente, o que evidencia o desejo de incorporar um tema polêmico à luz da globalização. Espalham-se as referências ao novo mundo nascido ao abrigo das grandes mudanças e, diante delas, o autor marca seu próprio território e explicita sua visão crítica: “¿Tratado de Libre Comercio –o Cortina de Tortilla?- ¿Cae el Muro de Berlín pero se erigen zanjas y alambradas en la frontera México-norteamericana? Y, ¿qué hay del otro lado, el lado sur, de esa frontera tan temida?”(p. 200). A relação México-Estados Unidos e as tensões geradas pelas novas e instáveis fronteiras são motivo de análise. Esta preocupação é visível nos ensaios de outros intelectuais mexicanos, como por exemplo, Carlos Monsiváis, que observa com preocupação e ironia os avanços da modernização, as mudanças econômicas, os novos tratados diante da perda dos ideais revolucionários, da vida cotidiana, da simplicidade das relações, desse mexicano que “dormía junto a un nopal con su burrito y su gran sombrero pensando en Lupita, Juanita, Rosita, Teresita (la mejicana, junto al fogón, calentaba la tortilla, pero esa imagen no interesa)” ¹²

Weinberg afirma que “el ensayo es creación dentro de una tradición, es interpretación y crítica, es desdoblamiento de simbolización y conceptualización” (2003, xiii). Fuentes parece responder a esta premissa. A tradição está presente e sua inscrição no âmbito nacional é explicitada pelas referências à tradição machista, à relação com a igreja, ao reconhecimento e valorização da cultura popular. A história é revisada, mas agora se inscreve em um campo mais amplo que o nacional. O autor convida a percorrer a história miúda, a pequena pátria e ingressar numa zona maior, na qual é possível estabelecer outras relações. A comparação se transforma, assim, em um procedimento privilegiado dentro do texto e os termos escolhidos, de maneira quase excludente, são México e Estados Unidos.

Ao mesmo tempo, o autor menciona circunstâncias similares ocorridas em países europeus, tornando visível uma das características centrais do ensaio: é um texto que busca a polêmica e o faz recorrendo a um forte conteúdo ideológico, “buscando la profundidad de la crisis [...] para tomarle el pulso a la época” (Foster, 2004, 32). Deslizando entre o narrativo e o reflexivo, o ensaio incorpora informação garantida pelo dado certo e verificável

e encontra em outras disciplinas o fundamento para o desenvolvimento do tema de que trata. Mas também recorre a perguntas retóricas para reforçar a intenção polêmica, contribuindo para alcançar o efeito de “exponer lo ya pensado con distinto artificio.”¹³

No entanto, ao contrário do que afirma Gómez-Martínez (1981, 55), este ensaio não está escrito “ao correr da pena”: há uma cuidadosa seleção lexical e temática e uma organização na qual o aspecto estético não é deixado de lado. Fuentes privilegia sua condição de escritor. Emprega uma linguagem notoriamente poética e propõe abolir a idéia de que na América Latina se escreve poesia e romance e não se dá lugar ao pensamento, alcançando um alto nível estético ao referir-se à concepção da morte no mundo mexicano. É nesse momento que o leitor percebe o verdadeiro conteúdo do ensaio. (Gómez-Martínez, 1981, 55) Agora, o autor não somente recorre à tradição popular, mas também à poesia: “Todos tendremos que ir al lugar del misterio”, diz um poema indígena, e Fuentes o retoma ao acrescentar: “Si la muerte es inevitable, no puede ser mala Pero . Pero, ¿es necesario apresurarla, vale más morir, “no vale nada la vida”, como dice una canción popular? (p. 202) - instância de maior valorização dessa concepção ao definir o México como um “país sagrado”.

Se a identidade é múltipla, heterogênea e inclusiva, a poesia indígena, a canção popular, a religiosidade compõem um quadro preciso para indicar como é o México atual, num claro gesto de revisão e até de fortalecimento identitário. Fuentes reforça esta linha de pensamento ao falar da “largo viaje hacia la muerte”, circunstância vivida pelos mexicanos como um momento único no qual se unem “homenaje, respeto, tristeza e humor negro”. É neste momento também que o ensaísta marca categoricamente sua pertença a esse mundo e, ao mesmo tempo, reafirma a diferença, em especial (ainda que fale de “outras culturas”) em relação ao mundo norte-americano, ao qual se refere com uma marcada ironia: “la cultura mexicana también invade los Estados Unidos de mil maneras: lengua, cocina, sexo, familia, religión, literatura, imagen. ¿Acabarán las figuras hispanoaztecas de la muerte por avasallar una violencia norteamericana carente de símbolos? (p. 210). A inversão da diferença se baseia no valor conferido ao mundo mexicano e o recurso da interrogação desloca a desigualdade para o campo do poder norte-americano. A identidade é então uma “percepción colectiva [...] una memoria colectiva común” reconhecível por uma série de “caracteres, marcas y rasgos compartidos” que passam a integrar os emblemas de uma sociedade.¹⁴

Fuentes busca provocar um efeito dialógico, recorrendo a um leitor partícipe de uma comunidade que compartilha inquietudes semelhantes: “Nos debatimos hoy entre una identidad saludable entre la nación y su cultura, y los dos hechos que la amenazan” (p. 204), ainda que a rigor isso esteja gerando um discurso de confrontação. Neste contexto, o autor não hesita em proferir uma advertência com ares de vaticínio:

Desgraciadamente, esa situación puede cambiar dramáticamente si en México permitimos que se acentúe la creciente diferencia entre un norte cada vez más moderno, impulsivo, descentralizado, autosuficiente e informado, y un sur miserable, esclavizado, sin horizontes, en el cual el trabajador cafetalero o el de los aserraderos gana un dólar diario y la porción de alcohol necesaria para mantenerlo contento pero embrutecido. (p. 205)

O México ocupa um lugar central na argumentação: história, revolução, democracias, relação com a América Latina e com os Estados Unidos, conquista e colonização. Ingressar no mundo moderno é, além disso, explicitar a relação desigual entre o país do norte e o México. O ensaísta se posiciona diante deste fato com a autoridade que se atribui para advertir o perigo e, ao mesmo tempo, para dar uma alternativa ou uma solução: “Sólo puede superarla la justicia social y la política democrática”. (p. 205) O tema nasce, portanto, de uma preocupação de pensar, de expressar sua inquietude, gesto que rapidamente se transforma na tentativa de pôr em questão este aspecto, à espera de uma resposta por parte do leitor.

Fuentes avança com a informação recorrendo a uma construção de conteúdo visivelmente imperativo: “Es tiempo de hablar de *ciudadanos*”, ao passo que carrega de significado os verbos de ligação: “es un desafío, no sólo de México, sino de toda la América Latina”, inserindo, uma vez mais, seu país no contexto latino-americano. Ao afirmar que “no sólo los mexicanos: todos los latinoamericanos debemos hacernos esta pregunta ahora”, (p. 206), o autor desloca os problemas nacionais para todo o continente e reafirma que o individual (mexicano) é, na verdade, coletivo (latino-americano).

Andante, título do tópico, ganha significado. Não estamos, então, diante de uma das funções centrais do ensaio, que é a de “sugerir ao leitor”, a esse leitor que necessariamente deve estar disposto a projetar no seu mundo o que o ensaísta lhe diz? Fuentes relaciona o presente a certos traços atávicos dos mexicanos: o machismo e o gineceu, o peso da igreja frente ao controle da natalidade. Com um gesto similar ao de Carlos Monsiváis em grande parte de sua obra ensaística, Fuentes une e reivindica aspectos contrários e marginais para confirmar a necessidade de levar em consideração o diferente¹⁵. Esta idéia é reafirmada com a convicção de que

[L]a grandeza de México es que el pasado siempre está vivo. No como una carga, no como una losa, salvo para el más crudo ánimo modernizador. La memoria salva, escoge, filtra, pero no mata. La memoria y el deseo saben que no hay presente vivo con pasado muerto, ni habrá futuro para ambos. Recordamos hoy, aquí. Deseamos aquí, hoy. México existe en el presente, su aurora es ahora porque no olvida la riqueza de un pasado vivo, una memoria insepulta. (p. 211)

No *Allegro maestoso*, o autor se detém na “modernidade” mexicana e a atenção, aqui, volta-se para os que, depois de aderirem a essa idéia, esqueceram a essência da mexicanidade e, junto com ela, o significado da magia e do mistério. Num tom reivindicatório e disseminando marcas valorativas, Fuentes afirma que “el genio de México consiste en salvar los valores del progreso sin dejar de afirmar el derecho al misterio, el derecho al asombro y al autodescubrimiento inacabable” para arrematar com uma citação própria: “Pues el orden, escribí hace mucho tiempo, es la antesala del horror”. (p. 207). É a própria palavra do ensaísta que avaliza o que foi dito; seu pensamento é legitimado por outros pensamentos seus, antes pronunciados. O eu assume o papel de crítico e juiz no que se refere às situações abordadas na discussão. Trata-se de um convite para que o leitor, por um lado, revise o que já foi expresso, convite que não deixa resquício para uma não adesão à proposta, na medida em que há uma clara pressuposição de que o leitor sabe do que se está falando.¹⁶

A identidade latino-americana é o foco de análise que sustenta a argumentação, tema central do debate durante grande parte do século XX e que tomou os mais variados rumos, mas que, na maioria dos casos, partiu de uma relação conflitiva com o outro e com o diferente. No caso de “Tiempos mexicanos”, observa-se uma dupla direção: a já trabalhada e discutida relação margem/centro e uma releitura da tradição como um modo de resignificação das origens e do tema identitário. Ao mesmo tempo, o questionamento concepção da literatura como zona provedora de um espaço de reflexão para questões não sempre literárias permite visualizar a história intelectual do ensaísta-literato e seu contexto sócio-político.

Novamente, seu próprio trabalho é levado ao texto, lançando mão de procedimentos retóricos que clamam pela atenção do leitor:

Es [...] la pregunta que he tratado de contestar a lo largo de este libro, sucesor de un Tiempo mexicano que publiqué en 1972: un nuevo tiempo mexicano y cuya “novedad” es tan verdadera como ilusoria. Baste pensar, por una parte, en los cambios visibles y profundos ocurridos en estos veinte años. Pensamos también, sin embargo en las permanencias, profundas, también pero invisibles. (p. 206)

Ao invés de diminuir a autenticidade do questionamento, a afirmação reforça sua posição diante da busca, da convocação para pensar qual é o lugar que corresponde ao país e ao continente. A adversidade é o fator que se transforma em um elemento distintivo dos mexicanos à medida que lhes permite dispor de toda sua criatividade e força para a superar. Os aspectos que não possuem valor para o mundo central são destacados com ardor pelo ensaísta.

Todo o texto se orienta a enfatizar o que unifica e confere homogeneidade ao mundo mexicano; no entanto, ao mesmo tempo, torna válida a existência de diferenças e as tensões são apresentadas como elementos coesivos. De alguma maneira, está presente o oxímoro que sustenta o conceito de América Latina: a unidade na diversidade.

Fuentes mostra seus conhecimentos, tanto do mundo literário como do político, e dissemina observações em relação à história, sendo que nelas não estão ausentes as considerações acerca da revolução mexicana, ainda que agora o autor postule um novo olhar no que se refere a este emblemático episódio: “La experiencia cultural de la revolución nos dio esa visión y su impulso: los artistas y escritores modernos de México descendemos de la Revolución pero también de nuestra capacidad, individual y colectiva, de transformar la experiencia en conocimiento”. (p. 204)

Novos ensaístas despontam, como nos primeiros anos do século XX, para pensar a nação a partir de outro lugar e com outro projeto: o mundo descrito é marcadamente contraditório, mas também frutífero; é um mundo que pode proporcionar valores, símbolos e tradições ao mundo hegemônico, que busca que sua voz seja ouvida entre aqueles que concentram o poder para exibir sua capacidade de ser, centro de poder, por sua vez, a partir de outros campos: a filosofia, a música, a poesia.

Os velhos mas sempre atuais temas reaparecem na agenda do novo século. A pós-modernidade, o ingresso de um país latino-americano num âmbito mais amplo, a forma de vincular-se com o outro – dominador e central –, a democracia e os pontos de contato e

distanciamento são questões relevantes que devem ser discutidas; todas elas estão inseridas na produção ensaística de Carlos Fuentes, sustentadas pelo tópico mexicano exaltado por Balbuena para que o passado esteja vivo.

“Tiempos mexicanos” explicita de maneira precisa o processo de negociação que as sociedades contemporâneas devem manter quando a “hibridação cultural e a globalização” invadem diferentes âmbitos. (García Canclini, 1995, 116) A sólida organização permite que o leitor encontre pontos de apoio para a reflexão, a partir da atualidade, mas tendo em mãos, de maneira precisa, o passado, tempo que se faz presente vivo para, dessa forma, pensar o futuro. O ensaio mostra o processo de pensamento do ensaísta e o unifica com sua própria produção intelectual, revelando uma voz que se sente autorizada para narrar sua história e a história da América Latina, para pensar um tempo de re-fundação no qual se pode ver que “sólo así, todos los días, fundaremos un nuevo tiempo mexicano” (p.211).

Notas

¹ Tradução do espanhol: Fernanda Andrade do Nascimento

² Weinberg, Liliana, “Para una nueva lectura del ensayo” – mimeo, sem data.

³ Casullo, Nicolás, “La inquietud del alma” em Marcelo Percia, Marcelo (compilador) *Ensayo y subjetividad*, Buenos Aires: Eudeba, 1998, pp. 29

⁴ México: Aguilar, 1995. Todas as citações são feitas a partir desta edição.

⁵ García Canclini, Néstor, *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo*, Buenos Aires: Paidós, 2002, p. 11.

⁶ Cfr. *El laberinto de la soledad*, Buenos Aires: F.C.E., 1990

⁷ “Viaje al centro del origen” em *Nuevo tiempo mexicano*, op. cit., p. 39

⁸ Os subtítulos são: *Presto; Allegro, ma non troppo; Andante; Allegro maestoso e Vivace*.

⁹ Carlos Pereda, ao referir-se à obra ensaística de Octavio Paz, menciona a semelhança entre a técnica do mexicano e a de Beethoven no que diz respeito à realização de “variações ininterruptas”. No caso do ensaio em questão neste trabalho, as variações estão indicadas com os tempos musicais e se projetam no tratamento do eixo do discurso. Cfr. “Las tradiciones del centauro” em Weinberg, Liliana (2003), op. cit. p. 79.

¹⁰ Ortega, Julio, “La identidad revisitada” em *Revista de Crítica Cultural* N° 11/novembro de 1995, Santiago de Chile, p. 49

¹¹ Monsiváis, em outra linha, recorre também à ironia para marcar a ingerência de novos imaginários na vida cotidiana mexicana, em especial o mundo da tecnologia. Em “Del rancho al Internet” se pergunta a respeito da vida dos habitantes dos “ranchos” (favelas) diante do avanço da televisão e, recorrendo a dados estatísticos, o autor afirma que a TV devolve “a la sociedad el carácter homogéneo del que tan penosamente había desvencijado” em *Aires de familia. Cultura y sociedad en América Latina*, Barcelona: Anagrama, 2000, p.179

¹² Cfr. “Los milenarismos” em Ludmer, Josefina (comp.). *Las culturas de fin de siglo en América Latina*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 1994, pp. 164-183.

¹³ Nicol, Eduardo, citado em Gómez-Martínez, José Luis, *Teoría del ensayo*, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1981, p. 54.

¹⁴ Giménez, Gilberto, “La problemática de la cultura en las ciencias sociales” citado por Antonio Prieto Stambaugh, “Las fronteras de la identidad americana” em Weinberg, Liliana, (Editora), *Ensayo, simbolismo y campo cultural*, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003 p. 311-360.

¹⁵ Carlos Monsiváis em “Íncultas razas ubérrimas” questiona a existência da unidade ibero-americana e, enfaticamente, responde a própria pergunta: “sí, desde luego, y sino queremos tomar en cuenta los grandes procesos formativos de la lengua y las similitudes históricas, basta sumar algunos elementos” entre os quais se destaca, por exemplo, “las opresiones de la deuda externa o las zonas del arrasamiento ecológico y los niveles de contaminación”. O deslocamento da simbologia tradicional para designar o que marca a identidade

de latino-americana é evidente. As referências são outras e também é outro o contexto no qual emergem. Em op. cit., p. 113.

¹⁶ Linda Egan, no trabalho intitulado “Neoliberalismo y desaliento en *Aires de familia* de Carlos Monsiváis” - publicado pela *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, Ano XXVIII, N° 56, Lima-Hanover, 2002 - afirma que nesse livro é possível acompanhar o modo pelo qual o escritor mexicano traça sua história literária. Deste modo, afirma, pode-se ver “un simulacro autorreferencial, especie lúdica, acaso, de la metalectura, y una estrategia que desfamiliariza- desdibujándolos- ~~Bibliografía~~ de una voz normalmente más ‘localizada’”. La incrustación de autocitas e referencias a obras anteriores de su autoría es uno de los recursos empleados con frecuencia por Carlos Fuentes.

Arenas Cruz, María Elena. *Hacia una teoría general del ensayo. Construcción del texto ensayístico*, Cuenca: Ediciones Universidad Castilla-La Mancha, 1997.

Foster, Ricardo. “La artesanía de la sospecha: el ensayo en las ciencias sociales”. *Sociedad* N° 223, Facultad de Ciencias Sociales, UBA, Buenos Aires, 2004, pp. 31-43.

García Canclini, Néstor. *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*, México: Grijalbo, 1995.

Gómez Martínez, José Luis. *Teoría del ensayo*, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1981.

Weinberg, Liliana. (Editora) *Ensayo, simbolismo y campo cultural*, México: UNAM, 2003.